LENDAS DA PRINCEZA LOURA

Ao querido Murillo

com um abraço

do Arnaldo.

LENDAS DA PRINCEZA LOURA

Junho de 1925

Osasco - São Paulo



OBRAS POETICAS DO AUTOR:

"CONSTELLAÇÕES"
"BALLADAS E POEMAS"
"POEMAS DO SONHO E DA IRONIA"

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA

LENDAS
DA
PRINCEZA LOURA

COMPANHIA GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO 1925

Off. da Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo, 1925

N'aime que la beauté et que elle soit pour toi toute la verité.

CHARLES VAN LERBERGHE.

PRIMEIRA PARTE

RAPSODIAS

ARTE

Noite de festa. Bandeirolas. Flôres.
Musica. Tendas illuminadas.
Calores suffocantes.

O Artista á porta da barraca,
Armado de um tambor e uma matraca:

Entrae; vinde ver, senhores,
Cousas estupefacientes:
Um homem que engole espadas,
Fascinadoras de serpentes,

Cães sabios, elefantes
Destros... Espectaculo variado!
Entrae, meus ricos senhores,
Vinde ver cousas mirabolantes!...

E o homem de olhar ingenuo e tranquillo,
Como outrora em creança, entrou, viu tudo aquillo,
E saiu deslumbrado.

CANÇÃO DO POETA BOHEMIO

A Lima Barreto

Foi por um claro fim de tarde...
Com o largo pantheismo de Spinosa
E o negro pessimismo de Leopardi,
Caiu, subita, a noite silenciosa...

Estava eu só, completamente só...
(Haviam dispersado os amigos de Job)

E bebi do elixir que escribas — outros Faustos —
Na alba das noites de vigilia, exhaustos,
Encontraram no fundo das retortas.

Bebi-o sofrego, a largos haustos,
Com o perfume de velhas ancias mortas...

Bebi-o e vi: Era uma fórma esguia e branca,
Translucida, como que espiritual...
Veio e deixou, assombro! em minha humilde banca,
A pedra filosofal!

Ora, o que o Genio mysterioso quiz
Foi revelar-me a sciencia de transmudar em valores
(Talvez até para os senhores editores)
Meus pobres metaes vis...

Ouro... ouro... tudo ouro... em meu olhar scintilla,
Em meu ouvido canta...

Si, em verdade,
Bebi na taça da Perenne Mocidade,
Em que havia tambem de mistura o licor
A que chamamos commumente — Dor,
Então, commigo alguem ha de sentil-a.
E viverei — em minha ou noutra edade —
Nesse alguem, nesse irmão, que será minha Posteridade...

Poeta, podes dormir em tua noite tranquilla.

ALMAS INFELIZES

O vento aos repellões
O impelle e arrasta,
Emquanto a chuva o rosto lhe vergasta.

Com um sórdido chapéo,
Um paletot de incriveis dimensões,
E vastas calças de xadrez,
Vae ao léo...
Parece uma figura de entremez.

Em sua furia, quasi que o arrebata
A ventania.
Emtanto elle, filosofo, assobia...

Por certo nada existe que o constranja.
Numa das mãos leva uma lata
E noutra uma laranja.

Ninguem o vê no labyrintho
Da rua
Que tumultúa.
Sómente eu o vejo e sinto.
Lá vae elle, fleugmatico, assobiando,
Molhado como um pinto.

Vae cambaleando
Sob a chuva fria...

Como o vento que rispido assobia,
Elle, calmo, assobia...

Insensivel á chuva que o maltrata,
Lá segue, displicente,
Mais a sua laranja e a sua lata...

Vae tranquillo, a assobiar, como quem nada sente.

ILLUSÃO PERTINAZ

No viso da montanha
Resurge o Cavalleiro... A luz do poente,
Como um rio de purpura, lhe banha
A armadura fulgente.
Sua silhueta estranha
Recorta-se no céo resplandecente.

Moinhos movem na calma da campanha
As azas compassadamente...

"Eil-os, exclama, os sórdidos gigantes
"Que pelo desamparo dos caminhos
"Os innocentes ferem como dantes!
"A elles, aos villões, aos cães mesquinhos!

E o Cavalleiro, de armas rutilantes,
Arremette, de novo, contra os moinhos!...

ULTIMA VIAGEM

A Povina Cavalcanti

"Olá, da barca! Olá, da barca!...

"Olá, da barca!...

Ninguem responde!
A voz sem éco, tal um fruto, cáe.

"Este barqueiro estupido se encharca
"De vinho pessimo e se vae.
"Onde o encontrar por estas horas? onde?

"Dorme o bruto no fundo da barcaça.
— Acorda, homem! Leva-me para a outra banda.
"Despacha-te que é tarde e tenho pressa; raça
"De cães! Vamos, avia-te, anda!

Fantastica, feérica, a paisagem
Desdobra-se pelo horizonte extremo...
Sombras... luz, muita luz... rumor nenhum...

— Dá-me o óbulo da passagem.
— Que óbulo? Não tenho óbulo algum!
— Ignoras o costume...

— Basta! Leva-me ou te racho
De cima a baixo
Com este remo!...

A barca singra o rio de betume.

LYRICA DO SONHADOR SONAMBULO

A Murillo Araujo

A Noite, Arvore fascinante,
Carregada de luzes e briquedos,
E' minha Arvore do Natal.

Della pendem, num brilho coruscante,
Mimos sem conta para meus folguedos,
Folguedos innocentes, afinal.

Tenho uma Ave do Paraiso,
Uma Lyra, um Pavão.

No polycromico das lampadas diviso
Os olhos de ouro do Camaleão.

Com as Pleiadas de brilhos singulares
Jógo meus jogos malabares.
Tomo Centauro, meu Rocinante,
Cavalgo-o, e sigo pela noite adiante...

Corôo-me com a Corôa Austral.
E pelo céo constellado de gemmas
Soberbo, arrasto meu manto real...

De minha mão, em que scintillam gemmas,
Pouco dista
O carneirinho de São João Baptista...

Bello e fulvo, Escorpião, de cauda accesa,
Reluz em meu diadema de turqueza...

Com os meus brinquedos, que são mundos, sigo
Sombrio, como um rei mendigo.

E toda a noite vago, alheio e vago,
Sonambulo, na estrada de S. Thiago...

EFIGIES DE NEVOA

A Raul de Leoni

AS ARVORES

Penetrou a Floresta,
Floresta inda virgem do osculo.

E exclamaram as Arvores:
Elle é um Deus!
Elle é um Deus que surgiu da Terra Dolorosa!
E as Arvores então se debruçaram
Sobre o Homem, pejadas de seus frutos.

E elle, emfim, compreendeu.
Ao lado a ségure,
Ajoelhou no silencio da Floresta
E adorou-as tambem:
Deuses obscuros
Suspensos nas sombras do Dédalo.

PERPLEXIDADE

Elle saiu para o espectaculo da rua
Em busca de uma sombra igual á sua.

E viu que os sêres (sêres?) apressados
Ou lentos,
Passavam como pensamentos.

Homens seguiam de olhos vidrados
Olhando insistentemente
Para a frente.

Outros olhavam para o chão,
Como quem busca alguma cousa em vão.

Varios andavam como que assustados
Fugindo, de olhos esgaziados.

Alguns, ainda, fitavam o alto,
Seguindo nuvens erradias;
Tinham os pés sobre o asfalto
E as mãos tremulas, vasias...

E elle não conseguiu achar na rua
Siquer, uma figura igual á sua.
Como sombras, passavam, repassavam.

E elle não soube o que desejariam
E ainda, muito menos, para onde iam
Os sêres (sêres?) que passavam...

SYMBOLO... SYMBOLOS

A Renato Almeida.

Divago no turbilhão dos Symbolos
Maravilhado, cego de luz.
Passam por mim os Sêres todos, Symbolos.
Guia-os a Luz, guia-os a Luz...

Entoam canticos as Selvas festivas.
As Montanhas para os altos, fugitivas,
Erguem as mãos, num gesto lento.
O Vento
Emboca a trompa das Rapsodias primitivas.

Passam por mim os Sêres todos, Symbolos
Do Pensamento.
Contemplo-os, mudo, num deslumbramento.

Com flammejantes purpuras, a tunica
Chamalotada de ouros e granadas,
Passa por mim o Fogo — as mãos floridas levantadas
Para as Aras Sagradas...

Homens e Cousas — Sêres — fórmas da Energia,
Moléculas do Todo,
Passam por mim nos porticos do Dia.
Meus olhos se extasiam na Harmonia.

As Aguas turbulentas
Encaminham-se graves e sedentas
Para as fontes da Alegria.

Tudo se plasma no Divino Lodo.

O Ar metallico reluz
Como um manto de joias sobre a terra.

Palpita em luz a Terra.
Num vortice de estrellas se desterra
Para a Belleza, para a Luz...

Passam por mim os Sêres Invisiveis,
Fluidos e Fórmas, Forças incoerciveis,
Efluvios diáfanos e mysticos...

Divago pelo dédalo dos Symbolos,
Sem nada compreender, cégo de luz.

Symbolo, arrasta-me o tufão dos Symbolos...

EXORTAÇÃO A' NOITE

O olhar ancioso para vós levanto.
Ah, bem podéreis
Lançar um raio de infinita luz
Sobre a estrada embebida em sangue e pranto,
Aspera estrada que nos conduz
Por entre paixões estereis.

Vós sabereis o Maximo segredo.
Presenciasteis a Origem,
Conheceis o Final, o vasto enredo
Da sombria tragedia allucinante.

Tomados da vertigem,
Na febre da voragem delirante,
Os Astros, mundos, sóes, visiveis e invisiveis,
Pullulantes de vidas, sem repouso,
Libram-se em vosso largo seio nebuloso
Sob leis inflexiveis!

Vós, ó Noite, sabeis
Que intelligencia guia as cégas leis.

Bastaria uma só palavra... Então, seguros,
Em seus revelados destinos,
De posse da Verdade,
Os Homens, como irmãos,
Illuminados e puros,
Fundiriam os seus corações crystallinos
No Amor, synthese da Bondade!

Bastaria uma só palavra...

No infinito
Dos céos a Noite, austera e casta,
Como sem nada ouvir, silenciosa, labuta
Na genese de sua obra vasta...

— Dizer o que já foi milhões de vezes dito?
O que só o Homem não compreende ou não escuta?

Silenciosa e solenne, a Noite, como Céres,
Pela seara fecunda os sóes comsigo arrasta,
Semeando o germinal de Universos distantes...

As cousas, mudas, fitam-na confiantes...

Quanto esta humana inquietação contrasta
Com a tranquilla certeza dos mais sêres!

A BELLA CEIFEIRA

O' bella ceifeira, ó bella ceifeira,
De faces coradas e braços robustos,
Que a foice manejas ligeira
E ceifas as searas e os tenros arbustos,
Detem-te, ceifeira.

Vamos conversar numa linguagem mansa,
Sobre a Belleza, sobre o Amor, sobre a Esperança.
Vamos conversar sobre essas cousas futeis
Com palavras leves, com idéas ducteis,
Gratas á mulher e á creança.

O' bella ceifeira, ó bella ceifeira,
De seios redondos e braços robustos,
Que a foice manejas ligeira,
E ceifas os tójos e os cedros vetustos,
Attende, ceifeira.

A Belleza existe, tanto como existes,
E é sua saudade que nos torna tristes.
Que importa si a Vida renovas,
Si a Vida renasce do fundo das covas,
Que importa, que importa?
Mal nos beijas tu, logo a Belleza é morta!

O' bella ceifeira, ó bella ceifeira,
De tranças floridas e braços robustos,
Que a foice manejas ligeira,
E ceifas as larvas e os mundos adustos,
Escuta, ceifeira.

O Amor... o Amor é que nos faz tristonhos.
Por que levas, mais breves do que sonhos,
Esses que amamos, desvelados entes,
E até os pequeninos innocentes?
Por que ceifas, num golpe resoluto,
O que inda não deu flôr e muito menos fruto?

O' bella ceifeira, ó bella ceifeira,
De labios corados e braços robustos,
Que a foice manejas ligeira,
E ceifas imperios e nomes e bustos,
Responde, ceifeira.

Este fundo anceio que ao Ideal nos lança
A que afflictos chamamos Esperança,
Por acaso no Tempo continúa
Ou finda na Hora da caricia tua?

O' bella ceifeira, ó bella ceifeira,
De faces risonhas e braços robustos,
Que a foice manejas ligeira,
Por certo te movem designios augustos.
Oh!, ceifa, ceifeira!

A VIDA

Arrastado no vortice da Vida,
Para onde vou, para onde vou, não sei.
Acaso o turbilhão se exalça na subida,
Ou se despenha, truculento
E brutal,
Em vertiginosa descida,
Para o anniquilamento
Final?

Não sei.
Jamais, talvez, o saberei.

Tão pouco sei de que mysterio vim.
— Nem o principio nem o fim —
Nem o meio: tambem não sei que sou.
Argilla, espirito, consciencia?
Talvez consciencia-argilla,
Talvez parcella da Divina Essencia.
Luz que brilhou,
Que em outros mundos bruxoleou
E agora em mim ccintilla.

Crispa-me a boca a esponja amarga e cruel
— Vinagre e fel —
Por que, não sei.
Desconheço a razão por que me opprime
A Dôr. Será que pratiquei
Algum crime?
Que mal fiz eu? Que venha a ser o mal
Não sei.

O que existe em meu sêr de espiritual
Ama, medita e crê.

Sinto que sou feliz; feliz, por que?
Desconheço o motivo.

Pratiquei,
Porventura, algum bem? que venha a ser o bem
Não sei.
Nem no sabe ninguem.

Pouco importa. Prazer e Dôr formam a trama
Do temeroso Drama.

Meu sêr contemplativo
Deslumbra-se, perdido na grandeza,
Na inquietante belleza
Dessa esfinge impassivel — o Infinito.

Mas... no immenso quadrante
Do Tempo, cumplice da Morte,
Eil-o que é findo o Instante...

Existe a Morte? Não; não no acredito.
Existe a Vida, que em febril transporte,
Por todo o sempre bella, eternamente pura,
De prodigio em prodigio,
Omnímoda, se transfigura!

Embryão, verme; serei crysallida adormida,
E, nas azas douradas, em seguida
Librar-me-ei
Em plena luz immerso?
E irei
De fastigio em fastigio,
Por entre os claros sóes — atomos da estructura
Maravilhosa, inconcebivel, do Universo?

Não sei.

Ainda bem. Em meu cyclo — uma hora transitoria
Em face da illusão, no milagre vivida —
Foi-me dada, entretanto,
A ventura sem par,
A excelsa gloria,
De, por momentos, contemplar,
Num deslumbrado espanto,
A Vida, o fulgurante assombro, a Vida!

MURMURIO DA VAGA

A Menotti del Picchia

De encontro ao mudo cáes investe, irada, a vaga...

Eleva-se do fundo sorvedouro
E se adianta fantastica e presaga.
Seu longo manto real é de purpura e de ouro.

De encontro ao mudo cáes, revôlta, bate a vaga...

O crescente da lua,
Na linha do horizonte, se assemelha
A uma rubra galera que fluctua
Sobre o mar que de sangue se avermelha.

Na vaga se ergue e foge a galera da lua...

— Por que razão vens tu, ó desvairada vaga,
Teus seios de crystal quebrar na pedra bruta?
Acaso occultarás como afrontosa chaga
A mesma Dôr que a vida nos enluta?

Responde o quer que seja a murmurar a vaga.

Faiscantes, as estrellas
Polvilham de ouro e de rubis a treva.
A vaga, na esperança de apreendel-as,
As mãos esguias para os céos eleva.

Recúa a vaga á luz inquieta das estrellas...

— Por que este ancear febril, ó torturada vaga?
Que buscas attingir nesse eterno balanço?
Será, talvez, assim que a Vida se propaga,
Tenaz, a se bater, sem nunca ter descanço?

Responde, em seu mysterio, a segredar, a vaga...

Dealba-se o firmamento.
As barras do arrebol são de um fulgor cambiante.
Mais socegado o mar, ainda sonolento,
Desperta a pouco e pouco em seu leito gigante.

A vaga, azul e rosa, é todo o firmamento...

— De que regiões vens tu, illuminada vaga,
Anciosa, a propagar teu verbo sybillino?
Para além desta plaga existe uma outra plaga?
Que lei regula e rege o meu e o teu destino?

Não posso compreender o que me fala a vaga!

O SUAVE SEGREDO DA NOITE

E vi que a Noite desfolhava rosas,
E era serena e bella.
Então segui confiante ao lado della
Pelas estradas silenciosas.

E o que a Noite me disse, commovida,
Deu-me outra imagem da vida!

BOSQUE DE ENCANTAMENTOS

A Agrippino Grieco

OS REIS MAGOS DA LEGENDA NOVA

Vieram de longe, de muito longe,
Das nevoas mysteriosas,
A' borda dos rios sagrados,
Onde, faiscantes e tranquillos,
Nadam sóes e dormitam crocodilos,
Ante as montanhas luminosas.

Vieram de um berço de ouro, muito longe,
Trilhando rumos dissipados...

E o Rei bruno, soberbo, o que trazia
A alma branca do incenso
Com os thuribulos verdes da Floresta,
Junto aos rios plantou sua tenda erradia.
E, nos assombros que o fulgor empresta,
Como a um deus o adorou em seu terror suspenso.

Com verdes palmas, ao som de hosannas,
Por sobre as aguas, o Rei branco veio
E offertou-lhe os filões occultos em seu seio.
Quedaram junto ao mar as brancas caravanas.

Exul do Reino adusto,
Trazendo ás mãos a myrrha do candor,
O Rei negro se humilha, vérga o busto,
E ajoelha, como um servo, ás plantas do Senhor.

Depois, á luz de largos sóes gloriosos,
Elles ergueram, para a communhão,
Templos de ouro e marfim, jardins maravilhosos,
Como os de Semirames e de Salomão!

CLAMÔR

No fragoroso estrépito da rua
A multidão inquieta tumultúa.
Os passantes, febris, se acotovelam.

Anciosos se atropelam.
Uns seguem de olhos fitos na victoria
Para o Amor, para o Ouro, para a Gloria.

Muitos para a Miseria, a Desventura,
Sem que a Esperança ao menos os conforte,
Raros para a Ventùra.
E todos para a Morte.

Por vezes um clamor sacode a turba;
E' um grito immenso, tão vibrante e forte
Que a mais firme consciencia se perturba.

E' um soturno pregão, instante e afflicto,
A supplica entre dentes sibilada,
Dos condemnados ao grilhão maldito,
Dos sem pão, dos sem crença, dos sem nada...

A que féro e fantastico exagero
Será levada a turba, quando o grito
Se fizer em Revolta, em Desespero!

DEMOISELLE

A Luiz Edmundo

Zumbe e rezumbe como um bezouro,
Como um escaravelho
De ouro...

Rezumbe, zumbe, e se eleva
Da treva
Para o Levante vermelho
— As azas interiçadas
Encharcadas
No sangue louro das madrugadas.

Zumbe, planando a ancia das azas
Sobre a miseria triste das casas...

Ao longe, como um sonho
Que não morre,
A Torre
Eleva-se como um Sonho...

Rezumbe, corre,
Trémula, trepita,
Como um anceio que palpita...

O sonho vôa, sôltas as redeas
Sobre os abysmos...
Vae para a gloria rubra das tragedias,
Para os serenos heroismos!

TEMPESTADE NA AMAZONIA

A Francisco Galvão

(A BORDO DE UM "GAIOLA")

Desce o Amazonas o "gaiola".
No alto
O sol fulvo, sem brilho, se assemelha
A uma nodoa redonda, côr de telha.
O ambiente sufocante
E' de oppressão e sobresalto...

De subito, um estampido,
No céo metallico, sem nuvens, espectante,
Como um subterraneo bramido,
Rebôa, ecôa, na floresta distante...

Fervem as aguas túmidas do rio.
Um vento cálido de febre, em rodopio,
Zine e sibila nas enxarcias e nas driças.
Linguas igneas zigzagueiam.
Galopam pelo espaço nuvens pesadas, massiças.
Sob o diluvio os céos e as aguas estrondeiam!...

E a tempestade raiva, o seu furor redobra,
Céos e terra atropela
E investe a treva e com fragor flagella-a!

Tragi-comico, desarvorado, o "gaiola"
Aderna, empina, como um ebrio, róla
Na onda de pez; ergue-se cambaleante
Para cair de novo e levantar-se mais adiante...
De pôpa á prôa a confusão é indescriptivel.
— Homens, mulheres, creanças, misturados
Com cestos de aves, fardos, pelles, côcos ensaccados,
Na balburdia de gritos, de lamentos,
De quédas como desmoronamentos...
Emfim, um pandemonio horrivel!

O "gaiola" sossobra...

Qualquer cousa de estranho ao longe estruge...
Desdobra-se o flagello;
O quer que seja de espantoso ruge,
Num tumultuar insano,
Como em roucos trovões ao longe muge...
Será, talvez, o formidavel duello:
O Rio-Oceano contra o Mar-Oceano!

HISTORIA PUNGENTE

Era uma vez uma Princeza
De tranças côr do Sol e faces côr da Lua.
Não havia no mundo, com certeza,
Belleza igual á sua.

Em seus magnificos solares
Davam-se entrevistas
Os gentis-homens, os guerreiros,
Os filosofos, os poetas, os artistas,
Os sabios de theorias singulares.

Reinava a paz em seus dominios
Que eram fabricas, forjas, estaleiros,
E searas, e rebanhos, e pomares.
Seus velozes veleiros
Conheciam de cór todos os mares.

Ora, suas irmãs rivaes, cheias de inveja,
Feriram-lhe os vassallos,
E, com perjurios e morticinios,
Após annos escuros de peleja,
Chegaram quasi a exterminal-os!

E á Princeza tomaram seus dominios
Que eram fabricas, forjas, estaleiros,
E searas, e rebanhos, e pomares;
E tomaram-lhe os céleres cruzeiros
No trafico, pacifico, dos mares!

E, desvairadas, num rancor sem nome,
Agora, tem-na desnudada e presa.
Querem vel-a morrer de frio e fome!

Não deixeis succumbir a inditosa Princeza!

CORTEJO

A José Geraldo Vieira

O céo é de balladas e deslumbramento.
Na tarde pallida e florida
Passam azas, num vôo lento, muito lento,
Como um longo acenar de despedida...

Um sino canta e plange no alto.

De um lado e de outro elevam-se do asfalto
Palacios de legenda,
Com zimborios e torres de amethysta
A uma altura estupenda.
Tiram o coche em que repousa o Artista
Doze gryphos com azas de ouro e renda.

Pelo alto o sino tange,
Entre alleluias plange:

— Em sua theorba de marfim a idéa
Era a emoção, era a volupia, a graça,
O tumultuar de vidas;
Era o sangue impetuoso de uma Raça.
A' voz do Animador levanta-se a falange
Dos éfebos, e as armas repolidas
Ensaiam para os lances da Epopéa.

Sombras perpassam no cortejo... Algumas
Arrastam mantos de brocado e plumas;
Com luzidos cocares
Recruzam outras o negror dos ares.

O céo que era de nuanças esbatidas,
Que de cinábre e purpura se córa,
Entregue ao desatino,
Céde, por fim, á dor represa,
E em longas aguas convulsivas chora!

Não no pranteeis, Natureza.
Melhor que nós conheces o destino
Dos semeadores da Belleza!

SEGUNDA PARTE

JARDINS SUSPENSOS

A Ronald de Carvalho

Je ne demande plus rien à la vie que ce que peut apporter de bonheur, le lever et le coucher du soleil, une nuit étoilée, une flûte de roseau, une chanson arabe...

JÉROME ET JEAN THARAUD.

ALÉAS LUMINOSAS

Pelas aléas luminosas
Vaga o sorriso tremulo das rosas.

Lá fóra o vento geme.
A chuva cáe.
O ar tiritando de frio treme...

Das acacias em flôr as flôres cáem.
Como que ha um ar de primavera em tudo.

Aqui o Sol rebrilha, as flôres cáem
Sobre o lago de nacar e velludo.

De fóra vêm nas azas da rajada
Os écos longes de um clamor...

Entre as flôres da acacia toda em flôr,
Canta uma voz enamorada...

NO MIRANTE DA TORRE

A Angelus, pintor

No mirante da Torre.
Para além, para além, uma sombra se perde...

O Tempo como um rio de ouro corre
Sob os fulgores de um céo verde.

Luzem as ondas tremulas boiando
Como nereidas e delfins.

As Horas se vão lentas desfolhando
Como as bromelias no silencio dos jardins...

— E' teu olhar, acaso, que irradia
Como uma lampada que morre?

— Nas ogivas da Torre nasce o dia.

Vêm as nuvens bailar exoticos bailados
Junto ás ameias da Torre.

Passam ao longe vultos alados...

— E' tua voz que, porventura, canta
Como um segredo que morre?

— O Vento se levanta,
Como uma prece mysteriosa canta
Nos cataventos da Torre...

— Oh, dize-me, formosa,
Que passaros são esses que sulcando
Os céos se vão como galeras côr de rosa?

— Esses que passam muito lentos,
Em longas filas, num longo bando?

— Aquellas azas côr de rosa!

— São os meus pensamentos...

VOZES DO SILENCIO

Relembro. A tarde era macia
Como flocos de paina, o céo era violeta.
Do alto um pollen dourado e rutilo caía
Como das azas de uma borboleta.

A sós na balaustrada do terraço
Fitavamos a fimbria do horizonte.
Um bafejo subtil, de espaço a espaço,
Vinha beijar-lhe docemente a fronte.

Uma luz branda e flava
Punha-lhe á fronte magico diadema.

O Silencio escutava,
Ancioso por ouvir a palavra suprema...

Veio a Noite. No vasto sorvedouro
Dos céos sumiu-se, lenta, a claridade.
Ao longe em luzes, numa poeira de ouro,
Scintillava, mirifica, a cidade...

O Silencio se eleva
Diante de mim; eu, silencioso, o escuto...

A Noite immensa se cobriu de treva
E a Dor vestiu meu coração de luto.

VIDA BREVE E ETERNA

Dá-me teu labio em flôr! a vida foge,
A vida é um cirio que arde.
Enlaça-te hoje nos meus braços, hoje!
Amanhã será tarde!

Não se repete a vida! ella é um scenario
Em mutação constante.
E' um mundo sempre novo, sempre vario,
No fulgor de um instante!

Amanhã será tarde!
O Sol que luz gloriosamente em cima
Vae descambar, em breve, para a Tarde.
A Noite se approxima...

Só o amor, num milagre deslumbrante,
Nos perpetúa a vida.
Eil-o chegado o instante,
Eil-o que foge!... oh, beija-me, querida!

NEREIDA

A Mario Mendes Campos

Ouço-lhe a voz distante, ao longe, tão distante!
No borborinho verde-azul da vaga.
E' uma longinqua musica vibrante,
Um doce-amargo vinho flammejante
Que trava e queima e suavemente embriaga.
E' um queixume perdido em meio á bruma;
Volata branca e leve como a espuma;
Soluço da onda que se eleva, alteia,
Ferve, remoinha, espuma,
Oscilla, anceia,
E vem morrer na praia sobre a areia;

Grito immenso, frenetico, anhelante,
De gloria, de esperança, de saudade,
Mas tão longe, tão longe, tão distante...

Arfa, sereno, o mar. A' fulva claridade
Do Sol, as ondas, scintillantes de ouro,
Mergulhavam as mãos esguias e nervosas
Nos incendios de magico thesouro,
E seu corpo franzino, lactescente,
Feito de prazio e nacar transparente,
Cobriam de crysólithos, de rosas,
De pedrarias maravilhosas...

Depois... depois veio a tormenta! as ondas
Como um fantastico e sinistro bando
De aguias marinhas, em sombrias rondas,
Batem as azas crocitando.
Cava-se o mar em glauco e temeroso abysmo.
O trovão formidando,
Como um tropel de leões em louca desfilada,
Corre os céos ululando.

Dentro da noite livida e nefasta
O vento raiva, rodopia,
Em desvairadas bátegas, vergasta
A face torva da penedia!

E no auge, no supremo paroxismo,
Ao clangor da tormenta allucinada,
O vendaval para o alto mar a leva,
Tão branca! desmaiada,
A cabelleira de ouro desnastrada
Como um facho de sol que se perde na treva...

SONATA DE UMA TARDE DE OUTONO

A Orestes Barbosa

O crepusculo desce e a muda sala invade.

Pela janella aberta
Com o lento agonisar da claridade
Entra um morno perfume: a sala está deserta.

Murchecem nos jarrões as rubras rosas
Hontem cheias de viço e de frescura.
Cáem as pétalas morosas
Num desolado gesto de amargura.

A um canto, como um monstro desconforme
De que apenas se vêm os alvos dentes,
O largo piano dorme
Num sonho de harmonias transcendentes.

— Pousae as flébeis mãos sobre o teclado
E evocae essa amarga sinfonia
Em que ha gritos de dôr de um coração lanceado
Pela magua sombria.

Sois a branca visão que me acompanha.

Pousae sobre o teclado as mãos esguias
E evocae o languor da sinfonia estranha
Em que ha o *requiem* de mortas alegrias.

A Noite se approxima, e, lenta e leve,
Cobre de lutos a tristeza da Hora...
Com a mesma luz da aurora,
Succumbe o Dia numa angustia breve.

A escuridão vae denegrindo o ambiente.
Dentro da sombra as cousas esmaecem.

Vagueia no ar parado o aroma doente
Das flôres que murchecem.

AZAS

Como um vinho que espuma e sobe á borda
Da taça e em catadupas se derrama,
Assim meu coração transborda
E freme com o fulgor da chamma.

Uma cythara de ouro, corda a corda,
Em mim soluça e clama,
Um novo anceio acorda
Que de ternura e de impetos se inflamma.

Ora, convulso, desço
Até a revolta da desesperança.
E contra vagas sombras me arremesso,
Ora, feliz, meu coração descança.
O soffrimento esqueço...

Que leves são as azas da esperança!...

BALLADA NOVA

A' Sr.ª Angela Vargas Barbosa Vianna

Desnastra a Noite a scintillante coma.

Rompendo a treva, uma canção dolente,
Numa vaga tristeza indefinida,
Fluctúa pelo ambiente.

O ar transborda de musica e de aroma.

Dentre nevoas translucidas, no Oriente
Ouro e rosa, a Manhã serena assoma.
Em seu leito sumptuoso adormecida,
Moça e virgem, desperta a Natureza
Para a Luz, para a Vida,
Para os deslumbramentos da Belleza!

Perpassam fórmas leves e franzinas,
Cantam em côro compassadamente.
Revoam véos de gazas e neblinas.

Em meio ás sombras, a vagar no ambiente,
Chora a canção sentida,
Chora, soluça, dolorosamente...

Um vulto de mulher por entre as brumas
Da Aurora, se levanta...
No ar velado, macio como plumas,
A sua voz nos fala, ou antes, canta!

Ella nos vem dizer do Sonho, das paragens
Mirificas do Ideal, dos paços mysteriosos
Da Memoria, por onde os sonhadores,
Em piedosas e mysticas romagens,
Andaram a espalhar queixas e flôres,
Pedrarias, thesouros fabulosos,
Rimas e anceios, perolas e dôres.

Bemdita sejas tu que nos trouxeste,
Para as agruras da jornada,
Mais vivo, mais intenso, o dom celeste
Da suprema Illusão! Vem comtigo a Alvorada...

Em seu leito sumptuoso adormecida,
Moça e virgem, desperta a Natureza
Para os deslumbramentos da Belleza.

Só, sómente a Illusão, encantada miragem,
Póde ainda suster a alma dorida
Sobre a immensa amargura da voragem
No desterro da vida.

Bemdita sejas tu, bemdita sejas!
Por entre luares de ballada,
O Sonho vem beijar-te as mãos de fada.
Bemdita sejas, oh, bemdita sejas!

A canção, palpitando pelo ambiente,
Como um hymno, uma prece commovida,
Some-se no alto, lenta, lentamente...

PAISAGEM INTERIOR

A Adelino Magalhães

Divaga o espirito das cousas
Sobre a paísagem doentia...

— Aza de chammas, por que não pousas
Na Arvore Branca da melancolia?

A tarde cáe, florida e lenta
Como uma nevoa sonolenta...

Divaga a essencia das cousas
Sobre a paísagem doentia...

O Vento chora... Por que chora o Vento
Nos braços da Arvore Desfolhada?

Da bruma eleva-se um lamento
Como uma dôr martyrisada...

Divaga a sombra das cousas
Sobre a paísagem doentia...

Lagrimas luzem como lousas
Na tarde que entra em agonia...

Por que será que o Vento chora
No seio da Arvore Desvairada?

Cáe a tristeza immensa da hora
Sobre a planicie enluarada...

Divaga o espirito das cousas
Sobre a paísagem doentia...

O Vento chora... Por que não repousas
Nas sarças da noite fria?

Por que será que o Vento chora
Nos ramos da Arvore Macerada?

Cáe a tristeza immensa da hora
Sobre a paísagem desolada...

NO REGRESSO DE ZILA

Depois de longos annos transcorridos
No indeciso crepusculo que é a ausencia,
Posso rever-te, minha amada.
Vens dos claros caminhos refloridos
De nossa adolescencia
Com o perfume e com a luz da madrugada.

Trazes ainda o mesmo eterno riso
A revoar em tua boca,
Como uma rubra borboleta louca,
A fraze de um sabor novo e impreciso,
De uma ambigua feitura
Em que a ironia á graça se mistura;

A mesma juventude no teu rosto
E a mesma vacuidade no teu peito,
Misto de aurora e treva.
O minimo desgosto
Jamais turbou teu vago olhar afeito
Ao brilho que a Hora leva...

Não conheceste o amor. O soffrimento,
As lagrimas, o ciume,
O alento após o desalento,
A esperança subtil como um perfume,
Prazer e dôr unidos num contraste:
Nunca os sentiste porque nunca amaste.

Foste feliz? Talvez. Gosa portanto
As alegrias que ha na Vida,
Torna em flôres os hispidos escolhos,
Pois, que a existencia, fugitivo encanto,
Não vale uma só lagrima, querida,
De teus formosos olhos!

DIALOGO

A' M. C. L.

— Será possivel que não sintas
O bater de meu coração?
Acaso hão de morrer extinctas
Minhas palavras ditas em vão?

— Não, meu querido, não!

— E' crivel que me esquecesses
A' margem de teu coração?
E teu amor fosse como esses
Passaros que na tarde se vão?

— Certamente que não, certamente que não!

— Será que não mais te move
O anceio de teu coração?
Pois que a dôr não te commove,
Será todo este amor em vão?

— Não me fales assim, querido, não!

— Sê, pois, bemdita!... Emfim, vão ser de luar
As noites de meu coração?
E a fonte agora vae seccar
Das lagrimas choradas em vão?

— Tu bem sabes que não, tu bem sabes que não...

PARTIDA

Com seu olhar de lantejoulas
E suas mãos de tulles e verbenas,
A' boca lasciva e breve
O claro sangue das papoulas,
E o passo melodioso e leve
Como painas e pennas;
Com suas mãos de tulles e verbenas,
Alguem chegou e lhe tocou de leve
O coração, beijou-a com ternura,
Vagamente sorriu,
E dissipou-se como por encanto...

Para poupal-a aos rigores
De algum remoto frio
Que pudéra magoal-a, porventura,
Envolveram-na então, no roxo manto,
Cheio de estrellas e prateados lirios
Da Senhora das Dôres.

E, porque a tarde era, talvez, escura,
Accenderam na tarde quatro cirios.

Mãos, que eram flôres, cobrem-na de flôres...

Batido por um luar violaceo e louro
Seu rosto placido sorri.

Rodou, depois, um carro todo de ouro...

Desde esse dia nunca mais a vi.

DUAS AMANTES

A Jarbas Andréa

Um dia,
Pelos parques em flôr de minha adolescencia,
A' uma luz matinal, leve como a harmonia
E clara como a innocencia;
Um dia,
Em meus jardins, na alba das Horas, encontrei
Duas lindas irmãs, tão lindas que não sei
Qual dellas eu mais queria...

Uma, a de olhar de anémonas, velado
Como uma estrella que a neblina vela.

Pensativa, se foi para o passado,
Com um riso triste na face bella.
Dir-se-ia um lirio doente, maceado...
Oh, si ainda me lembro della!

A outra passou em minha frente,
Como quem vae para o porvir...
Era como uma flammula fremente,
Acenava-me alegremente,
Coroada de rosas, a sorrir...

Esta era toda anciedade,
Aquella, toda esquivança.
Uma era triste como a Saudade,
Outra era alegre como a Esperança!

AS HORAS

A Hollanda Cunha

Com transparentes tunicas de gaze
Verde e sangue, ouro e crepe, azul e rosa,
Bailam as Horas fugitivas, quasi
Diffundidas na bruma luminosa.

Esta, de myrtho e anémonas coroada,
Gracil, envolta em viva aureola, dansa;
Em seu divino olhar brilha a esperança,
Tinge-lhe a face a luz da madrugada.

Aquella, a taça, em que o licor transborda
Do insaciavel prazer, alça radiante,
Emquanto os écos trefegos acorda
Com os evohés desvairados da baccante.

Uma, ardendo nas chammas do desejo,
Os braços colhe como quem abraça,
Como quem vôa, o Sêr Amado enlaça,
E na boca lhe sella o extremo beijo.

Outra, com as mãos floridas de papoulas,
Os harmoniosos passos amortece.
Inebriada no aroma das caçoulas
De insenso, myrrha e sandalo, adormece.

Bailam as Horas... Harpas invisiveis
Pontilham queixas, tremulos espasmos.
Entrecruzam-se risos e sarcasmos
No turbilhão das fórmas intangiveis...

Quem é que muda, pensativa e mesta,
Tocada a fronte de um estranho encanto,
Vem perturbar a rumorosa festa
Com a furtiva amargura de seu pranto?

O', dolente Saudade, porventura,
Vens rir tambem junto das Horas leves?
E tu, lutuosa Dôr, por que te atreves
A penetrar o ambiente da ventura?

Ha um longo choro soluçante e brando.
Cantam na sombra as harpas e os violinos...
Emtanto as Horas bailam — vão tramando
A mysteriosa teia dos destinos...

SEMEADOR

Á Fabio Luz

Pois que na terra formosa,
Na gleba joven e dolorosa,
Ao acaso semeaste a divina semente,
Semeador!
Deixa que a messe em florações rebente
Para a Vida
Que é a Dôr.

Tem compaixão da gleba dolorida
Não mais semeeis, Semeador.
Já ha tanta dôr pela vida
Por que ainda mais dôr? Por que ainda mais dôr?

MADRUGADA TARDIA

A Jayme d'Altavilla

O céo se cobre de uma luz estranha.
Faz-se a treva lentamente.
Como escura barreira erguida em frente,
Levanta-se a montanha.
Em baixo férve, livida, a torrente.

A cada curva da tortuosa estrada
Sombras, perfidas inimigas,
Postam-se de emboscada...

Onde alento encontrar com que prosigas?

— Tarda, mas vae raiar a madrugada!

LENDA ARABE

A lenda arabe dizia assim:
O sultão Sidi Ali Asmai-ed-din,
Do fundo do seu tumulo,
Disse a seu filho: "Principe onde vaes?
Espera!" E o principe deitou-se junto á lapide
E não se ergueu jamais.

JARDINS SUSPENSOS

Nos claros cimos da montanha diáfana os jardins reluzem ao sol, como suspensos sobre nevoas de ouro...

As alamedas

Passaram por aqui formosas sombras,
Animando a paísagem...
As Arvores, no chão deitam as sombras,
O vento canta no silencio da ramagem...

Um desoccupado, *em um banco,*
sob as palmeiras pensativas.

A esta quietude enorme,
Quando o tempo me sobra, apraz-me vir,
O ar é puro, a agua canta, a gente dorme...
A's vezes sonha... como é bom dormir!...

Um pavão branco

Com lenta graça austera
Passeio entre penumbras e clarões...
Até que ostente a cauda, a Noite espera,
Para que luzam as constellações!...

Um velho

Como tudo é mudado!
Que bellos os jardins no regimen passado!

O lago

Em mim se vêm banhar os Sóes ardentes,
As Estrellas — pallidas castellãs —
Vêm as Tardes — nobres damas sorridentes —
E as rosadas e ingenuas Manhãs!

Uma creança, *dirigindo-se para um tufo em que vicejam camelias vestidas de purpura.*

Olha que lindo ramo florido!
Vou colher uma flôr!

A AMA, *embargando-lhe os passos, carinhosamente.*

Nos jardins publicos, meu amor,
Não se toca nas flôres; é prohibido!

A CREANÇA

Mas eu já vi alguem tocar...

A AMA

Algum garoto a quem não se deve imitar!

O BOSQUE

Em mim, palpitam azas e gorgeios,
Insectos bailam nas orgias da côr.
Tenho os sentidos cheios
De amor! Tudo o que vive é amor!

UMA VELHA

Mas, o que eu mais admiro
E' não ver por aqui a herma de Casimiro!

Uma garça

Como a que erma e tristonha, desolada,
A' beira azul de um lago se ensimesma,
Sou a "Duvida Humana debruçada
Sobre a angustia infinita de si mesma".

Um simples

O que mais me impressiona são os aquarios!

Um filantropo

Jardins... para que jardins? Casas para operarios!

A cascata

Serão hymnos de amor ou serão maguas?
Quem já poude entender a palavra das aguas?...

A ESTRELLA D'ALVA *no fulgor dos céos limpidos, falando aos jardins maravilhados.*

Todos na vida têm sua estrella
Ou boa ou má.

Eu serei vossa estrella.
E vosso dia se illuminará!...

Um CAVALHEIRO *sobraçando livros e jornaes.*

Devera ser muito mais amplo o lago,
E achar-se no alto onde se encontra o bosque.
Naquelle espaço vago,
Levantar-se-ia alguma estatua, um kiosque...

O LUAR

Aqui, por vezes, pela noite escura,
Arrasto em pompas meu sumptuoso manto
E logo tudo se transfigura!

Um PASSARO CANTOR

Canto,
Porque nasci para cantar.

Uma ESTATUA

A estatua é fria, nada sente...
Sou mais sensivel do que muita gente.

PRIMEIRA DAMA

Daqui se avista o mar... oh, deixa-me scismar...

SEGUNDA DAMA

Viemos ver os jardins...

PRIMEIRA DAMA

Deixa-me vêr o mar...

A TERRA

Tudo brotou de mim, do plano fisico,
Possuo, eu tão somente, vida real!

O SOL

Tudo de mim brotou: eu sou o espirito
Immortal!

O POETA

Estes parques estimo-os
Porque, das nevoas de horas matinaes,

Vi-os erguer-se nestes claros cimos,
E, desde então, não os esqueci jamais!
Estimo-os
Só por esse motivo, nada mais!

INSECTOS DE OURO

A Alvaro Moreyra

Na alegria do Sol, insectos de ouro e pedrarias
Bailam num vôo de joias coruscantes.
Por luminosas escadarias
Sobem e descem nos seus giros delirantes.
Embriagam-se na luz, tonteiam nas orgias
Do perfume e da côr.
São como emanações vivas e flammejantes
Da terra ardente aberta em flôr.
Luzindo, na sonora transparencia
Do ar trepidante e leve,
Vivem a ancia da vida fugidia.

Nascem, amam e morrem na existencia
De um só dia, um momento bello e breve...

Breve é tambem teu dia.
Sem cessar na ampulheta a areia corre.
Engolfa-te na alegria
Da luz, insecto de ouro, o dia morre...

AS TRES FADAS

A Saul de Navarro

Deixei meu burgo ignorado
E fui-me em busca de aventuras.

O céo era um lago dourado
Onde nadavam cysnes e brancuras.

E logo vieram a mim
Duas lindas mulheres,
Com véos de nuvens e sandalias de setim.

E a primeira, a que em torno desfolhava
Sorrisos e malmequeres,
A de olhos côr da aurora e cabelleira flava,
A primeira me deu
Uma espada em que havia chispas de ouro.

E a segunda, a que, estática, dansava
A dansa dos sete véos,
E cuja voz maciá
Era como um sussurro de palmeira,
A segunda me deu
Um anafil que até as féras commovia.

Veio, mais tarde, uma terceira.
A mais bella, talvez, a de olhar verde-louro,
Toda coberta de roxos véos.
E a terceira (tão pallida!) a terceira,
Essa nada me deu.
Tomou-me a espada de lampejos de ouro,
Tomou-me a doce avena,
A avena que até os homens commovia,
E se afastou, hieratica e serena,
Dando a entender que eu nada merecia.

FIM

PRIMEIRA PARTE

RAPSODIAS

Arte. 9
Canção do poeta bohemio 11
Almas infelizes. 13
Illusão pertinaz 15
Ultima viagem. 17
Lyrica do sonhador sonambulo 19

EFIGIES DE NEVOA:

As arvores 23
Perplexidade 25
Symbolo... Symbolos... 27
Exortação á noite 31
A bella ceifeira 35
A vida 39
Murmurio da vaga 43
O suave segredo da noite 47

BOSQUE DE ENCANTAMENTOS:

Os reis magos da legenda nova 51
Clamôr 53

Demoiselle. 55
Tempestades na Amazonia. 57
Historia pungente 61
Cortejo 63

Segunda Parte

JARDINS SUSPENSOS

Aléas luminosas 69
No mirante da torre. 71
Vozes do silencio 73
Vida breve e eterna 75
Nereida 77
Sonata de uma tarde de outono 81
Azas. 83
Ballada nova 85
Paizagem interior. 89
No regresso de Zila 93
Dialogo. 95
Partida. 97
Duas amantes 99
As horas 101
Semeador 105
Madrugada tardia 107
Lenda arabe 109
Jardins suspensos. 111
Insectos de ouro 121
As tres fadas. 123